

74 74 R
94
S E R M ã O
DO SANTÍSSIMO
CORACÃO DE JESUS

RECITADO

DIANTE DE S. Magestade e aa.

NA PRIMEIRA FESTA,

QUE SE CELEBROU EM 11 DE JUNHO DE 1790
NA IGREJA DO REAL CONVENTO DO
CORACÃO DE JESUS

COM ASSISTENCIA

DOS GRÃO-CRUZES, E COMMENDADORES
DAS TREZ ORDENS MILITARES,

POR

Fr. JOAQUIM DE SANTA CLARA
MONGE BENEDICTINO.

L I S B O A:

Na Offic. de SIMÃO THADDEO FERREIRA.

ANNO M. DCC. LXXXI.

*Com Licença da Real Meza da Commissão Ge-
ral sobre o Exame e Censura dos Livros.*

2920

2/S102

LP
18
38

LD
252.02
8623A

S E R M ã O
DO SANTÍSSIMO
CORACÃO DE JESUS.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

*Sicut dilexit me Pater , & ego dilexi vos :
manete in dilectione mea.*

Eu vos amei da mesma sorte que meu Pai me
amou ; permaneei pois no meu amor.

S. João XV. 9.

QUE Deos como Creador dos Ceos ,
e da Terra mostre particular cuidado em
conservar o homem , a mais perfeita das
suas obras na ordem da natureza visivel ^a ;
como Sabio lhe ensine os meios os mais
proprijs a conseguir o melhor fim ^b ; co-
mo Santo lhe incline , dirija , e eleve a
vontade para o bem ^c ; como Justo lhe
prometta o premio , e o castigo para o

A ii

^a Sap. XI. 26. I. Pe-
tr. V. 7.

^b Prov. VIII. 32. *

^c Prov. XVI. 9. XX.
24. Philip. II. 13.

animar á virtude , e para o desviar do vicio ^a; como Misericordioso o console, sustente, e proteja nas desgraças, nos trabalhos, e nos perigos ^b: que Deos em fim, sem embargo de ser, como he, superior a toda a Creação ^c, ame todavia o homem, que elle mesmo creára á sua similhança ^d; são verdades, que admiravelmente se conformão com as idéas, que todos temos da Divindade. Mas que o Filho de Deos, que em tudo lhe he igual, ainda depois de fazer-se homem á nossa similhança ^e, nos ame, como se nós fofemos iguaes a elle; isto he, que nos ame da mesma sorte, que o Deos Pai o amou sempre desde a eternidade, he Misterio, que a nossa limitada razão já mais alcançaria, se Jesu Christo o não declarasse em termos os mais expressivos: *Sicut dilexit me Pater, & ego dilexi vos.*

Além disto, que o homem como

^a Rom. II. 6. - 33.

^b Ps. CXLIV. 8. *

^c Judith, XVI. 16.
17. 18.

^d Gen. I. 26. V. 1. 3.

Sap. II. 23. Col. III. 10.

^e Philip. II. 7. Hebr. IV. 15.

creatura reconheça , que a cada instante elle depende da bemfeitora mão do Creador ^a ; que admire os prodigios da sua Sabedoria ^b ; que adore as perfeições da sua Santidade ^c ; que respeite a sua Justiça ; ^d e confie na sua Misericórdia ^e ; que ame em fim com preferencia a tudo o seu Deos ^f , por ser summamente Bom , e como tal , o unico Bem capaz de o fazer feliz ; são deveres , que ninguem ignora , porque as luzes naturaes , que todos sentem , bastão só por si a descobrillos. Mas que o Filho de Deos , o qual sentado á mão direita de seu Eterno Pai ^g , nenhuma necessidade tem de nós , senão he para ter quem necessite d'elle ^h ; deseje , e mande com todo o imperio , que o amemos , como se do nosso amor dependesse em sentido algum ou a sua gloria , ou a sua felicidade ; he outro Misterio ,

^a Eccli. XII. 1.^b Eccli. XLII 21. -26.^c Ps. XXIX. 5. 6.^d Ps. LXX. 15. -24.^e Eccli. LI. 11. *^f Matth. XXII. 37.

Marc. XII. 30. Luc. X. 27.

^g Ps. CIX. 1. Act.

VII. 55. Rom. VIII. 34.

Col. III. 1

^h Ps. XV. 2.

que a nossa fraca razão nunca poderia bem conciliar com a independencia de Jesu Christo em o Ceo , se elle mesmo o não declarasse tambem de hum modo o mais decisivo : *Manete in dilectione mea.*

Eis-aqui pois, meus Ouvintes , dous Misterios de Amor igualmente superiores á curteza da razão do homem ; e por isso mesmo igualmente dignos da grandeza do Coração de Deos. Como em ambos elles consiste todo o espirito da presente Solemnidade ^a, devem tambem ser ambos elles todo o objecto do meu Discurso.

Que consolação seria a minha , se em tão plausivel dia consagrado pela Religião nestes ultimos tempos a manifestar ao Mundo os Misterios de Amor , que se occultão no Santissimo Coração de Jesu Christo , eu pudesse interpretar fielmente os puros, e fervorosos affectos, que nesta hora vem respirar agradecido em nome de toda a Nação aos pés dos Alta-

^a Decr. da S. C. dos Ritos de 1765 sobre a Festa do Coração de Jesus.

res o devoto Coração da Nossa Augusta Soberana , verdadeira Mãe do seu Povo ^a ! A simples exposição deste nobre exemplo seria sem dúvida a instrucção a mais efficaz , que eu podia offerecer ao meu Auditorio na occasião presente , por ser tambem a mais digna das attensões de huma Corte tão Religiosa como Illustre , a qual singularmente se honra de imitar as virtudes , que a Magestade autorisa sobre o throno.

Mas , quando eu não tenha a consolação de desempenhar a empreza , em que entro obediente , e que conheço exceder as minhas forças , terei ao menos a de vir tentalla hoje pela primeira vez ^b , no meio de hum Templo , o qual será em todas as idades futuras o magnifico Monumento do particular Amor

^a Na occasião de huma calamidade geral a todo o Reino fez S. Magestade voto de mandar erigir hum Templo dedicado ao Coração de Jesus ; e logo cessou a calamidade.

^b Este Sermão foi recitado na primeira Festividade do Coração de Jesus , que se fez com toda pompa , e magnificencia na nova Igreja da mesma invocação.

de Jesu Christo para comnosco, e da pia gratidão de Maria I. ao Amor de Jesu Christo ^a.

Bem sei, meu Deos, que os abismos do vosso Coração devem ser adorados de longe, e que nunca sem temeridade se arrojarão vistas humanas a examinallos de perto. Consenti porém que eu levante humilde o escuro véo, que esconde aos olhos mortaes o interior desse divino Santuario. Deixai-me ao menos por hum instante, deixai-me ver com as luzes da Fé os seus reconditos segredos. Só assim he que eu poderei mostrar, como desejo, aos meus Ouvintes algumas das mais sensiveis provas, que nos déstes, e continuais a dar do vosso amor, para dellas concluir por fim a ditosa obrigação, que todos temos, de amar-vos sobre tudo.

^a Em cumprimento do voto que S. Magestade havia feito, e em acção de graças pelo beneficio que toda a Nação recebeo do Ceo, se erigio este maravilhoso Templo.

PRIMEIRA PARTE.

PARA medir toda a grandeza , ou (a usarmos dos proprios termos , com que S. Paulo se exprime) para calcular pelos effeitos do seu amor *a largura , o comprimento , a sublimidade , a profundez* ^a ; em huma palavra , todas as dimensões do Coração de Jesu Christo , feria preciso que o nosso espirito , se possível fora , se remontasse infinitamente acima do seu estreito alcance , desde a sua baixeza até a Divindade ; ou que ao menos se transportasse ao comêço da criação , e de lá retrocedesse com vagarosa marcha para vir notando de passagem os continuados prodigios , que precedêrão , e acompanhárão sempre até agora a época feliz da nossa Redempção. Só assim veriamos de algum modo o que intentou descrever-nos debaixo de misteriosos sym-

B

a Ut possitis comprehendere cum omnibus sanctis , quæ sit latitudo , & longitudo , & sublimitas , & profun- *dum : scire etiam super-eminentem scientiæ charitatem Christi. Ephes. III. 18. 19.*

bolos o mais sabio dos Monarcas ; o que apenas descobrirão ao longe por entre grosseiras sombras os Profetas ; o que em fim com mais alguma clareza conheceo , e nos ensina o Discipulo amado , íntimo confidente do Coração de seu Divino Mestre.

Veriamos, digo , a Sabedoria Increada , ainda antes que a terra fosse feita , regozijando-se já , por assim dizer , com a anticipada consideração , de que algum dia havia de habitar entre os Filhos dos homens ^a. Veriamos , como Deos nos amou sempre desde a eternidade , promettendo já desde então attrahir-nos a si por effeito da sua misericordia huma vez que nós nos apartassemos d'elle por effeito do peccado ^b. Veriamos em fim o Verbo de Deos sahir logo ao principio com magestosa pompa do centro da sua gloria , do seio do Eterno Pai , para dar

^a *Ab æterno ordinata sum, & ex antiquis, antequam terra fieret. . dilectæ meæ esse cum filiis hominum. Prov. VIII. 23. 31.*

^b *In charitate perpetua dilexi te ; ideo attraxi te miserans. Jerem. XXXI. 3.*

o ser ás creaturas , e com preferencia a todas ellas formar o Homem á sua similhaça ^a .

Esta foi a primeira prova do seu amor , que Jesu Christo , como Deos , mostrou ao mundo , e a maior que podia mostrar na ordem da natureza. Fazendo o Homem semelhante a si , visto não poder fazello seu igual , fez-lhe tudo o que podia fazer-lhe , para o engrandecer ; deo-lhe tudo o que podia dar-lhe para segurar a sua felicidade. E que felicidade ! Se os Anjos forão desde o principio da creação as mais felizes creaturas , o Homem , como diz o Rei Profeta , foi sem duvida a mais feliz de todas ellas depois dos Anjos. Coroado de gloria , e de honra no meio do Paraíso , como Soberano do Universo no meio da sua Corte , elle não via acima de si outro Rei , senão o mesmo Deos , que o creára , e a cujas leis obedecia : tudo o que não era Deos , ou estava sujeito ao seu imperio ,

B ii

^a Genes. I. 26. Sap. 1. Joan. I. 1. 2. 3. 4. II. 23. Eccli. XVII. 5.

ou concorria por mando do mesmo Deos para conservar, e augmentar a sua bem-aventurança sobre a terra ^a. Alegre Scene! Quão breve te mudaste! O mundo inteiro que fora feito de proposito por Deos nas primeiras effusões do seu amor para ser o magnifico theatro da nossa felicidade ^b, se converte de repente em huma lúgubre, e lastimosa habitação de desgraçados ^c. Mas... (tal he a ternura, com que Deos amou sempre no Homem a sua imagem!) no mesmo instante, em que os nossos primeiros Pais abusando da sua liberdade ^d, sem a qual não podião ser felizes, attrahem sobre si, e sobre todos os seus tristes descendentes com a sua desobediencia a maldição do Ceo ^e, a segunda Pessoa da Trindade Santissima se offerece logo para restaurar

^a *Minuisti eum paulo minus ab Angelis; gloria, & honore coronasti eum, & constituisti eum super opera manuum tuarum. Omnia subjecisti sub pedibus ejus. Ps. VIII. 6. 7. 8. Genes. I. 26.*

^b Gen. I. 26. * II. *.

^c Gen. III. 16. - 24.

Rom. V. 12. 17. VI. 23.

Galat. V. 17.

^d Gen. III. 6.

^e Rom. V. 12. I. Co-

rinth. XV. 22.

á sua custa a felicidade, que perderamos pela culpa ^a. A Justiça do Deos Pai ultrajada pela vil creatura ^b quer vingar os seus direitos ^c; mas a Misericordia do Deos Filho posta de permeio entre o Ceo, e a terra, faz suspender os seus raios ^d. Desta forte, diz o Evangelista S. João, principia Jesu Christo desde a origem do mundo a preparar no Paraizo a ultima prova do seu amor, que elle verificou com a morte depois de quatro mil annos de promessas, e de esperanças sobre a montanha do Calvario ^e.

Que brilhante, e nunca interrompida serie de prodigios a favor do Homem, ainda que esbulhado já de todos os privilegios da sua primitiva innocencia, se appresenta á minha admiração neste dilatado espaço de quarenta seculos inteiros ^f! Prodigios de Misericordia, que fo-

^a Gen. III. 15.	Gal. III. 22. Ephef. II. 5.
^b Jerem. III. 13.	I. Joan. II. 1.
^c Gen. XIX. *. Isai.	^e <i>Qui occisus est ab origine mundi.</i> Apoc. XIII.
I. 24.	8.
^d Rom. III. 23. 24.	^f Ps. CIV. 5. *.
25. V. 9. 15. 17. 18. 19.	

rão como outros tantos preludios do amor infinito, que a Fé me descobre hoje no grandioso Coração de Jesu Christo ! Sim... eu vejo Adão perdoado, o sacrificio de Abel acceito, Noé salvo com toda a sua familia do universal diluvio, Abrahão retirado do centro da idolatria, José engrandecido no meio de hum paiz estranho, Moysés exaltado na Corte de Faraó, David elevado ao throno de Judá; Daniel illeso na cova dos leões...^a Eu vejo o Povo escolhido quebrando os duros grilhões de hum barbaro cativo; atravessando a pé enxuto as furiosas correntes do Mar Vermelho; celebrando com canticos de triumpho desde as margens fronteiras ao Egypto a restauração da sua liberdade; seguindo a nuvem misteriosa, que anticipava os seus passos, para servir-lhe de guia por entre os horrores do deserto; recolhendo sem fadiga junto ás suas tendas o maná delicioso, que o Ceo

^a Sap. X. 2. - Gen. Ex. XI. 3. Eccli. XLV. VI. *. VII. 1. VIII. 15. - 1. - I. Reg. XVI. 12. 13. Gen. XII. 4. - XLI. 40. - - Daniel VI. 16.

(15)

lhe enviava para seu sustento ; triunfando de milhares de inimigos , que se oppunhão com mão armada á sua victoriosa marcha ; entrando finalmente carregado de troféos na pacifica posse da terra abençoada , que lhe estava promettida. ^a . . . Eu vejo o mesmo Filho de Deos , destinado já desde o principio a ser o Redemptor do Homem , descer repetidas vezes do Ceo á terra debaixo de differentes formas , anticipadas figuras da sua Humanidade ; já para ensinar aos primeiros Patriarcas as celestiaes verdades , que elles devião deixar , como em herança , por huma continuada tradição a toda a sua descendencia ; já para consolar os Justos nas suas afflicções , e protegellos contra os atrevidos ataques de seus crueis perseguidores , já para dictar aos conductores do seu Povo as leis religiosas , e politicas , pelas quaes devia regular-se esta nova , e nunca mais praticada fórma de imperio , onde o mesmo Deos era o uni-

^a Ex. XIV. 8. 22. *.- Num. XIV. 21. Ex. XVI. XV. *. - XIII. 21. 22. - *. - Jos. XII. *. - 1. *.

co Legislador , o unico Juiz , o unico Soberano ; já para communicar aos Reis da Judá o seu conselho , aos Generaes de suas tropas a sua força , aos Profetas de Israel a sua sabedoria ^a.

Tal he , meus Ouvintes , a magestosa perspectiva , que nos mostra ao longe a infancia , por assim dizer , da santa , e amavel Religião , que professamos ; ou , como diz S. Gregorio o Grande , taes forão os primeiros ensaios , que Jesu Christo começou a fazer do seu amor para conosco , ainda antes de ter hum Coração , ainda antes de ser Homem. Se no meio porém destas respeitaveis sombras appareceo em tanta luz o amor do nosso Deos ; que será , depois que elle mesmo , dissipadas as sombras , vier em pessoa accender por todo o mundo os castos fogos da ardente caridade , em que se abraza o seu Coração Divino ^b !

^a Gen. XV. 1. 2. 15. 13. - Eph. I. 1. XLVI. 2. Ex. III. 2. Num. XII. 6. 7. 8. - Gen XXI. 17. Jud. VI. 23. - Ex. XL. *. - I. Reg. XVI. XII. 49. ^b *Ignem veni mittere in terram ; & quid volo , nisi ut accendatur ! Luc.*

Aqui, Senhores, eu sinto levantar-se a minha alma acima da sua limitada esfera, acima de toda a criação, acima de si mesma... Huma nova ordem de idéas mais amplas, mais luminosas, e mais sublimes, de todas as partes a cercão, alumião, e transportão... A Fé, este astro inextinguível, que só brilha no seio das trevas ^a, e que não reflecte para nós, como diz o Rei Profeta ^b, senão as puras luzes, que bebêra no centro de toda a claridade, na fronte augusta do Senhor, he quem me descobre nas acções do Deos do Christianismo os prodigios de Amor, dos quaes apenas poderão os nossos antigos Pais entrever as passageiras figuras nas acções do Deos de Israel... O Filho do Altissimo, que em tudo he igual a seu Eterno Pai, na honra, no poder, e no imperio, se abaixa até nós para nos elevar a si; o Infinito se encurta para nos engradecer; o Todo-Poderoso su-

c

^a II. Petr. I. 19. Hebr. XI. 1.

nos lumen vultus tui, Domine. Psalm. IV. 7.

^b *Signatum est super*

jeita-se ás nossas fraquezas para nos comunicar as suas forças ; o Creador de toda a natureza se faz em certo modo creatura para nos regenerar por virtude de huma segunda criação superior infinitamente á primeira ; o Rei dos Reis se reduz á condição de escravo para nos restaurar a nossa perdida liberdade ; o Immortal por essencia une a si huma natureza mortal , para poder , sacrificando por nós a sua vida , preservar-nos da morte ; Deos em fim se faz Homem para salvar o Homem ^a.

Que multiplicados excessos de Amor, se he que no Amor de hum Deos póde haver excessos ! Quanto menos a nossa fraca razão os julga compativeis com a Divina Soberania , tanto mais nos persuade a Fé , que só assim se ajustão com a grandeza do Coração de Deos. E na ver-

^a Eph. II. 10. Isai. Joan. I. 14. I. Tim. III. LIII. 4. Matth. VIII. 17. 16. - Rom. VIII. 3. - II. Cor. V. 17. - Philip. II. 6. 7. - Col. I. 13. 8. Pl. CXVIII. 73. Sap. - Rom. VII. 6. Eph. II. II. 23. Eccli. XVII. 1. Jac. 4. 5. 7. 8. Jac. V. 20. - III. 9.

dade , quem , a não ser Deos , podia dar este salto immenso , que fez estremecer toda a natureza nos primeiros instantes da sua restauração ; salto agigantado , como lhe chama David , qual foi o que deo Jesu Christo desde a maior altura dos Ceos até a terra , para entrar sem reboço (permitti-me a expressão) na portentosa carreira do seu Amor , começada no seio purissimo de huma Virgem , e completada nos braços infames de huma Cruz ^a ?

Nesta memoravel época da nossa felicidade he que o Filho de Deos fazendo-se Filho do Homem semelhante a nós ^b , principiou a manifestar em toda a sua extensão os mysterios de Amor ^c meditados desde a eternidade a favor do Homem , que elle mesmo havia feito ao principio semelhante a si ^d . Então he que o Coração de Jesu Christo , novamente formado

c ii

^a *Exultavit , ut Gygas ad currendam viam ;*

a summo coelo egressio ejus. Ps. XVIII. 6. 7.

^b Rom. I. 3. 4. VIII. 3. I. Tim. III. 16.

^c Joan. III. 10. - 21. XV.*. Eph. V. 2.

^d Gen. I. 26. II. 7. V. 1. IX. 6. Ps. CXVIII. 73. Sap. II. 23. Jac. III. 9.

por todas as tres Divinas PESSOAS a empenhos da sua Omnipotencia ^a, começou a descobrir mais sensivelmente ao mundo a sua ternura, a sua liberalidade, a sua grandeza ^b.

Qual será porém a ternura, a liberalidade, a grandeza de hum Coração feito de proposito por Deos para ser o unico Templo digno de habitar dentro d'elle a Divindade com todos os seus amaveis attributos ^c? De hum Coração feito de proposito por Deos para ser a admiravel officina, em que devia fabricar-se o sangue, o precioso sangue que havia de ser offerecido ao Eterno Pai, como preço do resgate de toda a Humanidade ^d? De hum Coração feito de proposito por Deos para ser o magnifico Theatro, em que havia de consummar-se a maior de todas as obras, a obra singular da Redempção do mundo ^e; firmar-se por huma vez a eterna alliança entre Deos, e os ho-

^a Luc. I. 35. 37.

^b Luc. I. 68.*. II. 10.

11. 14. 29. 30. 31. &c.

^c Coloss. II. 9.

^d Coloss. I. 14. 20.

^e Rom. III. 24. I. Tim. II. 6.

mens ^a; e apertar-se para sempre a estreita, e indissolúvel união da justiça, e da paz ^b. De hum Coração feito de proposito por Deos, para ser o respeitavel Santuario, onde a Sabedoria Divina devia depositar os seus amorosos segredos ^c, e communicar aos Sacramentos a virtude, que nos anima, a força que nos sustenta, a efficacia que nos santifica ^d? De hum Coração feito de proposito por Deos para ser o immenso thesouro, onde a graça celestial devia recolher os seus dons maravilhosos, e de lá como do seu centro derramallos depois com larga profusão pelo mundo inteiro até o fim das ultimas idades ^e? De hum Coração feito de proposito por Deos para ser Mas que pertendo eu? sondar acaço os profundos abyssos de hum mar sem limites, onde a nossa razão, ainda que alentada pela Fé, estremece, fluctúa, e se perturba! esquadriñar os occultos

^a Isai. LXI. 8.

^b Pf. LXXXIV. 12.

^c Joan. XIV. 10. 11.

24. XVI. 15.

^d II. Cor. IV. 6.

^e Coloss. II. 2. 3.

recintos de hum Coração, o qual será por toda a eternidade o continuado assumpto das humildes contemplações dos Espiritos Angelicos, sem que chegue já mais a ser por elles comprehendido? . . . Não diz o Profeta David ^a, segundo a interpretação de alguns Padres ^b, que á medida, que o rasteiro coração do homem intentar offado examinar de perto, o que se passa no interior do Coração de Deos, tanto mais se levantará o mesmo Deos, para que sempre sobrepujem os seus segredos ao nosso alcance?

Nesta impossibilidade pois de subirmos ao inacessivel principio, donde nasce toda a grandeza do Coração de Jesu Christo, seja-nos permittido ao menos considerar apressadamente hum ou outro dos mais sensiveis effeitos, que nascem do seu Amor; effeitos em todo o sentido prodigiosos, não digo já a favor dos Jus-

^a *Accedet homo ad cor altatur Deus, & comprehensio- nis importunitatem evadit. Auctor Operis de*
Deus. Pl. LXIII. 8.

^b *Quantumlibet ad cor altum homo ascendat, ex-*
Cypriano vulgo adscripti.

tos , que o seguem ; mas (o que he mais que tudo) a favor dos mesmos peccadores , que lhe fogem.

Sim , meus Ouvintes , por mais que a fealdade do peccado seja hum objecto de abominação , e de horror aos olhos do Deos Santo , e Justo ^a ; a imagem todavia da Divindade , ainda que desfigurada no peccador , nunca póde vir a ser odiosa ás vistas do Deos bom , e Misericordioso ^b. Se o Inferno se abre por ordem da divina Justiça para engolir o peccador obstinado ^c , o Coração de Jesu Christo está sempre aberto por empenho da sua Misericordia para acolher o peccador arrependido ^d. Que ? No mesmo seio da sua gloria ; ainda antes que descesse á terra para se fazer Homem , como nós , não parecia já este Deos de Clemencia occupar-se unicamente com a salvação dos peccadores ^e ? Não erão elles entre todas as creaturas os unicos , que

^a Prov. XV. 9.

^b Col. III. 9.

^c II. Petr. II. * Apoc. XXI. 8.

^d Zachar. I. 3. II.

Cor. I. 3. 4. Eph. II. 4.-

10. I. Tim. I. 13. 14. 15.

^e I. Pet. I. 19. 20.

excitavão os seus amorosos sentimentos, quando em o Ceo se meditava a grandiosa empresa de remir o mundo? Desde o berço até a Cruz, desde o presépio até o Calvario, desde o nascimento até a morte, desde o primeiro até o ultimo suspiro da sua milagrosa vida, que sente, que excogita, que deseja, que obra, que padece o extremo Coração deste Homem-Deos, que não seja com o fim, só proprio do seu Amor, e da sua grandeza, de attrahir a si o peccador ingrato, para o fazer feliz, e feliz por toda a eternidade ^a?

Tranquillo de alguma forte a respeito dos Justos, todos os cuidados deste amavel Salvador se voltão, como elle mesmo diz, para os que gemem debaixo do pezo, do vergonhoso pezo de seus crimes ^b. A sua graça nunca os perde de vista; não descança em quanto não acaba de tentar todos os meios de vencel-

^a Tit. II. 14.

17. Matth. XVIII. 12.

^b *Non veni vocare justos, sed peccatores.*
Matth. IX. 13. Marc. II.

Luc. XIX. I. Tom. I.
15.

lós : a cada instante ella toca , affaga , move , aballa , folicíta , importuna , e até persegue aquelles mesmos , que mais parecem resistir á força de suas celestiaes inspirações. A estes he que Jesu Christo endereça todos os Misterios da sua missão ; a sua doutrina , os seus exemplos , os seus trabalhos , as suas penas , a sua morte ; em huma palavra todos os prodigios do seu nascimento , da sua vida , da sua paixão ^a.

E com effeito , a não ser hum desejo ardente , e sincero de salvar a todos os peccadores ^b , por muitos , e horrorosos que sejam os seus crimes ^c ; que motivo poderia obrigar este Deos de toda a santidade ^d a correr pressuroso até cançar , como diz o Evangelho , em seguimento da mulher Samaritana , a esperalla junto ao poço de Jacob , a travar com ella

D

- | | |
|----------------------------------|----------------------------------|
| ^a Rom.V. 6. I. Tim. | XVIII. 21. XXXIII 14. |
| I 15. I. Petr. II. 24. | 15. 16. Luc. XV. 21. * |
| ^b Ezech. XVIII. 23. | Act. XXVI. 15. - 18. |
| 32. XXXIII 11. Joan.VI. | ^d II. Cor. V. 21. He- |
| 39. I. Tim. II. 4. II. Pe- | br. VII. 26. I. Joan. III. |
| tr. III. 9. | 3. 5. I. Petr. II. 22. |
| ^c Isai. I. 16. Ezech. | |

conversa^{ção} ^a, não sem espanto de seus
 proprios Discipulos ^b? Affortunada pec-
 cadora! Tu não sabes ainda que este ho-
 mem desconhecido, que se digna conver-
 sar familiarmente contigo, he o verda-
 deiro Messias ha tantos seculos prometti-
 do aos primeiros Patriarcas, esperado pe-
 los Justos de todas as idades, e annun-
 ciado por fim pelos teus mesmos Profe-
 tas ^c; e não obstante isso tu occupas já
 no seu compassivo Coração hum lugar
 distincto ^d. A tua cegueira te levava des-
 apercebidamente ao precipicio; e por isso
 mesmo he que elle se apressa ancioso a
 dar-te a mão para te desviar da morte ^e.
 A sua engenhosa caridade, depois de
 mover-te suavemente a confessar-lhe os
 teos antigos erros, e as passadas torpe-
 zas da tua escandalosa vida ^f, empenha
 todos os seus encantos para triumphar, co-
 mo por fim triumpho, da tua teimosa re-
 sistencia ^g. Por effeito do seu Amor tu

^a Joan. IV. 6. - 26.^e Joan. IV. 18.^b Joan. IV. 27.^f Joan. IV. 19.^c Joan. IV. 10.^g Joan. IV. 8. 10. 13. 14.^d Joan. IV. 8. 10. 13. 21.

16. 18. 21. 22. 23. 24. 26.

passas a ser em hum instante de infeliz peccadora a venturosa conquista da sua Graça , de inimiga jurada do Evangelho , a zelosa pregoeira da sua doutrina ^a.

He sem duvida , meus Ouvintes , que similhante extremo de bondade basta por si só a dar-nos huma amplissima idéa da grandeza do Coração de Jesu Christo. Mas quanto se dilata ainda mais esta mesma idéa no meu espirito , quando me lembro da misericordiosa condescendencia , com que este Divino Salvador se digna em publico mesmo tomar a defenſa dos peccadores penitentes contra as atrevidas censuras do mundo , declarado antagonista da penitencia ^b ? Que importa que o temerario Simão se escandalise , e murmure ao ver a humilde Magdalena , até então desgraçadamente célebre em toda a Judéa pelas suas torpes desenvolturas , banhando já com lagrimas de verdadeiro arrependimento os sagrados pés de Jesu

D ii

^a Joan. IV. 28. 29.
30. 39. 40. 41. 42. 43.

^b Joan. XV. 19. XVII.
14.

Christo ^a? Que importa que hum motim de hypocritas accusadores sollicitem perante elle com simulado zelo a condenação da lei contra a Esposa infiel, mas arrependida já da sua infidelidade ^b? Que importa que os mesmos Discipulos, que o seguião ao atravessar a Cidade de Jericó, estranhem, e censurem a benigna, e misteriosa facilidade, com que elle entra, e se hospéda em casa de Zaqueo, cabeça dos Publicanos, tido, e havido no conceito geral do povo por homem de má vida; mas já então por impulsos da Graça resolvido a emendalla ^c? Duas palavras proferidas por Jesu Christo em abono destes illustres penitentes desvanecem em hum instante os precipitados juizos de seus rígidos censores. Simão emudece convencido do seu erro, e a Magdalena he perdoada ^d: os Fariseos se retirão confusos, e a mulher adúltera he absolvida ^e: os Discipulos reconhecem a

^a Luc. VII. 37. 38.

39.

^b Joan. VIII. 3. 4. 5.

^c Luc. XIX. 7.

^d Luc. VII. 37. - 47.

^e Joan. VIII. 3. - 11.

sua imprudencia, e Zaqueo he declarado verdadeiro filho de Abrahão ^a.

Mas que muito que obre assim hum Senhor tão magnifico nas suas recompensas, que dá generosamente ao jornaleiro, que vem para o trabalho á hora undecima, o mesmo salario que ajustára com o que chega logo ao romper do dia ^b? Que muito que obre assim hum Mestre tão cheio de clemencia, que reprehende com aspereza a dous de seus discipulos só por mostrarem desejar que baixasse do Ceo o fogo para justo castigo dos culpados ^c; que estranha a hum delles a indiscreta ousadia de puxar pela espada para defender-lhe a vida ^d; e que manda a todos que aprendão do seu exemplo a serem, como elle he, affaveis, e humildes de coração ^e? Que muito que obre assim hum Juiz tão indulgente, que prefere a misericordia ao sacrificio ^f; que condenna os erros, compadecendo-se ao

^a Luc. XIX. 1. - 9.

^b Matth. XX. 1. - 16.

^c Luc. IX. 54. 55. 56.

^d Joan. XVIII. 10. 11.

^e Matth. XI. 29.

^f Matth. XII. 7.

mesmo tempo dos que errão , e procurando instruillos primeiro que os condene ^a ; que só se mostra irado contra os hypocritas , porque , amando sem escrupulo o peccado , aborrecem por escrupulo os peccadores ^b ? Que muito que obre assim hum Pai tão amoroso , que recomenda a seus caros Filhos , que se amem huns aos outros da mesma sorte que elle os ama a todos ^c ; que prohibe a cada hum delles reprehender em publico a seu irmão pela primeira vez que o offende ^d ; que deseja que na sua numerosa familia reine de tal maneira a paz , a harmonia , e o amor , que de todas as almas , e de todos os corações , por mais dessemelhantes que pareçam nas idéas , e nos sentimentos , se fórme todavia hum só coração , huma só alma ^e ? Que muito que obre assim hum Legislador tão humano , que reduz todas as leis a hum unico preceito , qual he o da Caridade ^f ,

^a Marc XVI. 15. 16.

^b Matth. XXIII. 13.

. . . 29.

^c Joan. XIII. 34. XV. 12.

^d Matth. XVIII. 15.

^e Act. IV. 32.

^f Matth. XXII. 40.

e da Caridade universal , que comprehenda todos os homens sem exceptuar hum só ; que manda perdoar as mais atrozes injúrias , não até sete vezes (o que já parecia demasiado a seus discipulos) , mas ainda até setenta e sete vezes ; isto he , sem lemite algum ^a ; que ordena com todo o imperio , que além de amarmos os nossos inimigos , como a nós mesmos , lhes façamos todo o bem , que nos for possível ^b ? Em huma palavra , que muito que obre tantos prodigios de amor com o mesmo Homem , de quem recebe amiudadas offensas , hum Deos que nos segura , que na sua Corte Celestial he muito mais festejada a conversão de hum só peccador , do que a salvação de noventa e nove Justos ^c ; que nos protesta não querer que o peccador pereça , mas ao contrario que se converta e viva ^d ; e que , bem a pezar da sua misericordia , só desampara (por não po-

^a Matth. XVIII. 21.

22.

^b Matth. V. 44.

^c Luc. XV. 7.

^d Ezech. XXXIII. 7.

der faltar aos impreteriveis direitos da sua justiça) aquella alma infeliz , que teima em perder-se ^a .

○ E como será na verdade , como será sensível o terno , e generoso Coração de Jesu Christo á perda de huma só alma , depois de tantos e tão extremados esforços , que faz o seu Amor para salvalla ! Se este Homem Deos derrama piedosas lagrimas sobre a sepultura do seu amigo Lazaro ^b , he porque se lembra da triste sorte do peccador obstinado , de quem Lazaro ha quatro dias morto era no sentir dos Padres a figura ^c . Se este nosso Divino Redemptor sente com a vehemencia da mortal agonia esvair-se em abundante fuor o sangue ^d , o precioso sangue , que no seu Coração havia depositado o Espirito Santo , he porque nestes mesmos dolorosos instantes elle está vendo , que a muitos peccadores , por quem vai

^a Ez. III. 19. XVIII. *hominum obstinatam duritiam.* Epiphanius in Arcorat.
25. 26. Joan. VIII. 21.

^b Joan. XI. 35.

^d Luc. XXII. 44.

^c *Lacrimatus est ob*

a sacrificar a vida , ha-de ser inutil o seu Sacrificio ^a. Se este Deos , que todo he Caridade ^b, parece de alguma forte arre- pender-se de ter dado o ser ao Discipulo traidor ^c, he por saber de certo que elle ha-de resistir contumaz á sua graça , per- der de todo a esperanza , morrer impe- nitente , e condemnar-se para sempre ^d.

Ah ! Quanto excede á curta compre- hensão do entendimento humano esta ex- tremosa sensibilidade do Coração Divino ! O mesmo Amor que lhe suavisa os traba- lhos , os desgostos , as penas , que volun- tariamente soffre para salvar-nos ^e , he quem lhe faz de alguma forte insoffrivel o tormento singular , que padece no meio dos mesmos tormentos os mais crueis da sua morte , quando considera que , mor- rendo por todos ^f , não ha-de salvar a todos.

E

- | | |
|-------------------------------|------------------------------------|
| ^a Pf. XXIX. 10. | Joan. XIII. 27. XVII. 12. |
| ^b I. Joan. IV. 16. | Act. I. 16. - 20. |
| ^c Matth. XXVI. 24. | ^e Isai. LIII. 7. Matth. |
| Marc. XIV. 21. Joan. XIII. | XXVI. 53. |
| 21. | ^f II. Cor. V. 14. 15. |
| ^d Matth. XXVII. 5. | |

Bem vedes , meus Ouvintes , que eu sou obrigado a correr aqui a cortina á mais triste , e lastimosa scena , que até agora tem visto , e já mais verá o mundo. Não estranheis pois que eu perturbe por hum instante a alegria desta festiva Solemnidade. Como posso eu passar em silencio a ultima e mais sensível de todas as provas , que Jesu Christo , em quanto vivo , nos deo do seu Amor? Vêde , diz Santo Agostinho , vêde este Homem-Deos , ou , como lhe chama o Profeta ^a , este Homem de Dores pregado em huma cruz , crivado de golpes , banhado no seu proprio sangue , suspenso entre o Ceo , e a terra , e lutando com a vida na maior vehemencia de mortaes ancias: *Vide pendentem* . . . Eis-aqui o meu e vosso Deos , que morre só porque nos ama ^b , e que não morreria se nós o amassemos; que detém a morte até concluir a conversão de hum facinoroso justificado com elle ^c ; e que no meio das

^a Isai. LIII. 3.

^b Jean. XIII. 1.

^c Luc. XXIII. 43.

mesmas angustias da morte sente mais ,
 que tudo , que outro facinoroso merra
 impenitente ao seu lado ^a . . . Escutai
 attentos as ultimas palavras , que entre
 anciosas convulsões envia o seu terno Co-
 ração até ao Ceo misturadas com os der-
 radeiros alentos da sua vida : *Audi cla-*
mantem . . . Não vos parece que ellas vão
 rogar ao Eterno Pai , que desprenda os
 raios da sua justa vingança contra os in-
 humanos assassinos do seu innocente e ama-
 do Filho ? Mas como póde respirar vin-
 ganças , por justas que sejam , o Coração
 de hum Deos , que expira á força de
 Amor ? Nestes portentosos momentos das
 suas maiores misericordias que supplicas
 fará ao Ceo o Redemptor do Homem ,
 que não sejam a favor do Homem ? O
 vehemente desejo de nos salvar a todos
 he a sede misteriosa ^b , que atormenta o
 seu amante Coração á medida que o der-
 radeiro talho da morte se avizinha . . . El-
 le chega . . . Então he que Jesu Christo ,

E ii

Luc. XXIII. 39.

^b Joan. XIX. 28.

como esquecido de si mesmo , e só lembrado da nossa felicidade , pede humilde , e fervorosamente a seu Pai , que perdoe áquelles mesmos , que o estão crucificando : *Pater dimitte illis . . .* ainda faz mais . . . para segurar melhor o despacho desta piedosa súplica , elle mesmo os desculpa , por não conhecerem todo o horror do seu crime : *non enim sciunt , quid faciunt* ^a.

O' Deos ! que mais era preciso que fizeis . . . não digo bem . . . que mais podieis vós fazer , sendo como sois , hum Deos , a quem nada he impossivel ? Que maiores provas podieis vós dar-nos da grandeza do vosso Coração , do muito que nos amais , depois de chegar ao ponto de morrer para salvar-nos ? Não foi esta a grande obra do vosso Amor , que vós havieis meditado desde a eternidade ainda antes de crear o Homem á vossa semelhança ^b ; que promettestes ao primeiro peccador no Paraíso logo depois do

^a Luc. XXIII. 34. 8. - 11. I. Petr. I. 18.

^b Eph. I. 3. 4. 7. III. 19. 20.

seu paccado ^a; que preparastes por longos seculos no meio das magestosas sombras da Antiga Lei ^b; que começastes a executar desde a vossa Incarnação no ventre purissimo de Maria ^c; que manifestastes ao mundo em cada huma das maravilhosas circumstancias da vossa vida ^d; e que consummastes em fim com a vossa morte sobre a montanha do Calvario ^e? Não foi o precioso Sangue, que o vosso Coração aberto pela cruel lança ^f derramou desde o alto da Cruz, quem acabou de franquear-nos por huma vez as portas do Empyreo, de defarmar as vinganças divinas, de reconciliar o Ceo com a terra, de nos confirmar o direito á herança dos bens Celestiaes, de nos dar em fim nos Sacramentos os extraordinarios meios de conseguirmos a eterna felicidade, a que aspiramos ^g! Vós mesmo

- | | |
|-----------------------------------|--------------------------------|
| ^a Gen. III. 15. | II. Tim. I. 10. |
| ^b I. Cor. X. 1. 2. 3. | ^f Joan. XIX. 34. |
| 4. 11. | ^g Act. XX. 28. Eph. |
| ^c I. Joan. III. 8. | I. 7. II. 13. Coloss I. 14. |
| ^d II. Tim. I. 10. Tit. | 20. Hebr. IX. & X. *. I. |
| II. 11. I. Petr. II. 24. | Pet. I. 18. 19. 20. |
| ^e Joan. XIX. 28. 30. | |

nos dizeis , que não póde haver amor , que iguale o de hum amigo , que morre em defenſa do ſeu amigo ^a. Quem poderá pois comprehender de modo algum eſſe Amor incomparavel , que vos obriga a ſacrificar a propria vida , para pôr em ſalvo não fó a dos voſſos amigos , mas tambem a dos meſmos inimigos , que vos desprezão , que vos ultrajão , que vos crucificação ^b ?

O certo he , meus Ouvintes , que Jeſu Chriſto não tem termo no ſeu Amor. Em tudo o que medita , e executa deſde a eternidade até o ſeu nascimento ; em tudo o que obra , e padece deſde o ſeu nascimento até a morte , nos dá bem a conhecer que o ſeu Coração nos ama , quanto ao Coração de hum Deos he poſſivel amar o Homem ; iſto he com hum Amor o mais terno , o mais liberal , o

^a *Majorem hac dilectione nemo habet , ut animam ſuam ponat quis pro amicis ſuis. Joan. XV. 13.*

^b *Tu majorem (caritatem) habuiſti , Domine , ponens eam (animam)*

pro inimicis tuis . . . Quenam ergo alia videbitur eſſe , vel fuiſſe , vel fore huic ſimilis caritati ? Bern. Serm. de Fer. V. hebdom. Sanctæ.

mais grandioso, com hum Amor em todo o sentido incomprehenfivel ; com hum Amor em fim, como elle mefmo diz, fe-
 não inteiramente igual, ao menos inteiramente fimilhante ao Amor infinito, com que fempre o amou feu Eterno Pai : *Sicut dilexit me Pater, & ego dilexi vos* ^a.

Tenho dito, fe me não engano, quanto basta para dar alguma idéa do primeiro Mifterio de Amor, que a Religião nos descobre hoje no Santiffimo Coração de Jefu Chrifto; mas para acabar de mostrar, quanto este Bom Deos nos ama, ainda me falta dizer, que elle fe empenha tambem, em que o amemos. Este generoso empenho he o ultimo esforço d'aquelle Coração Divino, e o segundo Mifterio do feu Amor para connoſco; o qual eu entro já a expôr-vos na certeza de que me continuareis hum pouco mais, como a importancia da materia o pede, as vofſas pias attenções.

SEGUNDA PARTE.

NÃO podia o sublime entendimento de Agostinho , ainda que affeito a decifrar mistérios , não podia bem conceber , como , sendo Jesu Christo verdadeiro Deos , se empenhasse com tudo em ser amado pelo Homem. Quem sou eu (dizia este grande Padre da Igreja fallando com o mesmo Salvador) quem sou eu diante da vossa Divina Magestade , para que não só vos digneis permittir-me a incomparavel honra de amar-vos ; mas ainda queirais , e me ordeneis com todo o imperio , que vos ame ? *Quid tibi sum ego ipse , ut amari te jubeas a me ^a ?*

He bem verdade , meus Ouvintes , que huma vez que Jesu Christo , por effeito singular do seu Amor , quiz fazer-se em tudo , á exceição do peccado , fimi- lhante a nós ^b , veio a fugeitar-se livre- mente a todas as condições , ainda as

^a Aug. Confess. Lib. lip. II. 5. Hebr. IV. 15.
I. Cap. 4. I. Joan. III. 5.
^b Rom. VIII. 3. Phi-

mais humildes , que são de si inseparaveis da nossa natureza ^a: e por isso mesmo , como era verdadeiro homem ^b, não he de estranhar que elle quizesse depender de alguma sorte do amor dos homens , em quanto se dignou viver em sociedade com elles ^c.

Se ainda assim a nossa fraca razão não póde conciliar esta especie de dependencia com a idéa , que ella fórma de hum Deos superior a tudo ; póde ao menos concilialla com a idéa , que a Fé lhe inspira , de hum Deos , que nasce , que obedece , que se humilha , que soffre , e que morre ^d. Da portentosa união das duas naturezas , as mais incompativeis entre si , a Divina , e a Humana , resultou na mesma Pessoa a união não menos portentosa das qualidades essenciaes a huma , e outra. Sendo pois Jesu Christo

F

^a Ephes. XII. 2. Philip. II. 6. 7. *Et verbum caro factum est , & habitavit in nobis.*

^b I. Tim. II. 5. Gal. IV. 4. *Joan. I. 14.*

^c *In terris visus est , & cum hominibus conversatus est.* Barac. III. 38. ^d Math. II. 1. Marc. XV. 37. Joan. I. 14. XI. 35. Phil. II. 8. I. Petr. II. 21. &c.

Deos e Homem, e por consequencia Soberano e servo, omnipotente e fraco, immenso e finito, eterno e mortal ^a; que muito, que, sem embargo de ser elle, como Deos, desde a eternidade independente de tudo o que he creado, quizesse todavia, como Homem, mostrar-se de alguma forte dependente, em quanto vivo, do nosso amor ^b?

Até aqui tudo se conforma com a ordem maravilhosa dos Conselhos da Divindade, com o profundo systema da Redempção do mundo, com a grandeza em fim do Coração de hum Deos, que se faz homem, e que vive entre os homens ^c.

A seguirmos porém, não digo já as luzes da razão (as quaes, por brilhantes que sejam, nem sempre nos desviam do erro); mas as mesmas luzes da Fé (as quaes, ainda que escuras nas apparencia pela infinita distancia, em que ficão das

^a Hebr. II. 14.

XVI. 27. XXI. 15. 16. 17.

^b Joan. VIII. 42. XIV.

^c Joan. I. 14. I Tim.

15. 21. 23. 24. XV. 9.

III. 16. I. Joan. IV. 2.

10. 13. 14. 15. 16. 23.

nossas vistas, nunca podem illudir-nos); não parece, meus Ouvintes, cousa estranha, que este mesmo Homem-Deos, depois de triunfar da morte, e subir ao Ceo sobre os magnificos troféos de suas victorias ^a, ainda queira e mande, que o amemos, como se do nosso amor dependesse em sentido algum a mais pequena parte ou da sua gloria, ou da sua felicidade ?

Sentado á mão direita de seu Eterno Pai ^b; rodeado de milhares de Anjos promptos sempre a executar as suas ordens, sempre occupados a entoar os seus louvores ^c; abismado no mar immenso da sua propria Divindade, absorto em si mesmo ^d, que póde appetecer o seu Coração divino para ser infinitamente feliz, e glorioso? Os Ceos, que na linguagem da Escriitura ^e celebrão de dia e de noite a grandeza do Deos Pai, acaço celebrão menos a grandeza do Deos Filho,

F ii

^a Psalm. LXVII. 19.
Ephes. IV. 8.

^b Pf. CIX. 1. Marc.
XVI. 19. Luc. XXII. 69.

^c Pf. CII. 20, 21. Apoc.
V. 11. 12. 13.

^d I. Tim. VI. 16.

^e Pf. XVIII. 7.

que em tudo lhe he igual ^a? Desde a
 eminencia do seu throno não vê elle o
 mundo inteiro obedecer em silencio ás
 suas leis ^b? Os mais soberbos árbitros da
 terra sujeitarem-se rendidos, ou por for-
 ça, ou por vontade ao seu imperio ^c?
 Todos os homens, ainda os mais barba-
 ros, que nunca ouvirão pronunciar o seu
 nome augusto curvarem-se humilhados ao
 mais leve movimento do seu sceptro ^d?
 As mesmas creaturas insensíveis estarem
 continuamente, como áleas, para segui-
 rem prestes o primeiro aceno de seus
 olhos ^e?

Como he crível pois que os raskeiros
 affectos nascidos do fundo de corações
 humanos, por maior que seja a sua acti-
 vidade, possão elevar-se até á sublime
 altura do Coração divino; ou por mais
 que se elevem, accrescentar hum só pon-
 to á felicidade, e á gloria de hum Deos,

^a Philip. II. 6. 10. Apoc. I. 5.
^b Ephes. I. 21. 22. ^d Ezech. XX. 37.
 Hebr. II. 8. 9. Apoc. XII. 5.
^c Ps. II. *. Coloss. II. ^e Ps. CIII. 32.

cuja gloria, e cuja felicidade he perfeita, immensa, incomprehensivel ^a?

Confesso, meus Ouvintes (o que parece tambem confessar Santo Agostinho ^b); confesso que o meu limitado entendimento nunca talvez concordaria esta absoluta independencia, da qual goza e gozou sempre o Filho de Deos no seio da sua gloria, e da sua felicidade, com o empenho, que elle ainda mostra desde o Ceo, em ser amado por nós; se na mesma apparente contradicção de idéas tão oppostas me não descobrisse a Fé, que mas ensina, hum novo Misterio de Amor, e de Amor tão excessivo, como só proprio do Coração de Deos.

Se Jesu Christo (diz Santo Hilario ^c ao explicar este novo Misterio) nos manda desde o alto da sua elevação em o Ceo, que o amemos, não he porque do nosso amor lhe resulte algum proveito; mas sim porque sem o amarmos não po-

^a Ephes. II. 20. 21. 22. 23.

^c Hilar. Tract. in Ps. II.

^b Conf. Lib. I. Cap. 4.

podemos ser felizes ^a. O ardente desejo, que elle tem de ser amado por nós, todo se encaminha a fazer-nos dignos da sua bemaventurança, a qual só podemos merecer por meio do seu Amor ^b. A bondade do seu Coração (conclúe o mesmo Padre) he como a luz do Sol, o clarão da chamma, o vapor aromatico do balsamo; os quaes, quando prestão, he só a quem os recebe, e não a quem os diffunde, e liberaliza ^c.

A' vista desta explicação, meu Deos! já me não maravilho de que no meio mesmo da vossa independencia mostreis todo o empenho em grangear o meu amor ^d. Vós não podeis ser, como sois, o meu Redemptor, sem que me ameis; nem amar-me, sem

^a *Amarise a nobis exigit, non utique amoris in se nostri fructum aliquem sui causâ ipse percipiens; sed amore ipso nobis potius, qui eum amabimus, profuturo...*

^b *Nam amari se, sibi que nos obsequi, idcirco ut nobis bene sit, expetit; ut digni beatitudinis suæ... munere per*

meritum amoris sui, et obsequii judicemur...

^c *Bonitatis autem usus, ut splendor solis, ut lumen ignis, ut odor succi non præbenti proficit, sed utenti*. Hilar. supra.*

^d *Nihil non agit Deus, ut diligatur a nobis. Chryf. Homil. XXIII. in Epist. ad Rom.*

que procureis a minha felicidade ; nem procurar a minha felicidade , sem que vos empenheis , em que eu vos ame. Qual outro bem , a não ser o maior de todos os bens , o unico digno deste nome ; a não ferdes vós mesmo ; poderia encher a vasta capacidade do coração , que me déstes , immenso nos seus desejos ? Tudo , o que não sois vós , por mais precioso que o pinte o mundo , pôde sem distrahir , entreter , engodar , perverter , illudir , e corromper este meu coração tão crédulo , como infaciavel ; porém só vós podeis faltar a sua ambição , contentar a sua avareza , acalmar os seus appetites , satisfazer as suas esperanças : só vós podeis moderar as suas paixões , elevar os seus sentimentos , santificar os seus affectos : só vós em fim podeis fazer , que elle seja verdadeiramente feliz , huma vez que façais , que elle chegue a possuir-vos . . . Mas ah ! como pôde o meu coração possuir-vos , a não ser por meio do amor ? . . . Sim , meu Deos ! só vós podeis fazer , que elle seja verdadei-

ramente feliz huma vez que vos digneis unillo ao vosso Coração , para que enleado nos seus divinos encantos , engalfado nas suas celestiaes delicias , abrazado nos seus castos fógos , nada mais sinta , nada mais deseje , nada mais ame , senão a vós ^a.

E como não fará , meus Ouvintes , os maiores extremos , por verificar esta amorosa união , da qual depende toda a nossa felicidade , hum Deos Salvador , que nos amou até á morte ^b ; e que empregou , em quanto vivo , todos os meios de fazer-se amavel , só com o fim , diz Sento Agostinho ^c , de fazer feliz a quem o ama ? Este era o ultimo esforço , que podia obrar por nosso amor o Coração de Jesu Christo ; e por isso mesmo para o manifestar ao mundo aguardou Jesu Chri-

^a Qui hoc divino , & puro amore tenebitur , cogita , quanta fruetur voluptate. Hoc enim , hoc , inquam , regnum Coelorum est , hoc bonorum fruitio , hoc voluptas , hoc gaudium , hoc beatitudo. Idem Chrys. supra.

^b Joan. XIII. 1.

^c Quoniam hoc nobis prodesse novit , ut amemus eum . . . se amabilem facit ; & in eo nobis consulit , quia se amabilem facit. August. Enarrat. in Ps. CXLIV. n. 1.

sto o tempo das suas maiores afflicções, os instantes proximos á sua Paixão, a derradeira noite da sua vida.

Que noite, meus Ouvintes! . . . lembrei-me agora da mais horrorosa de todas as noites, em que o coração humano esgotou até o fundo o fardido thesouro da sua malicia! Da noite, a mais infame para a humanidade, em que chegarão até onde podião chegar o odio, a raiva, o furor, a vingança, a calumnia, a aleivosia, a crueldade, a ingratidão dos Judeos contra o seu Messias, dos homens contra o seu proprio Deos! . . .

Nesta mesma noite, em quanto os Sacerdotes, e os Magistrados juntos em turbulento conciliabulo procurão de concerto por meio da mais negra das traições accender contra Jesu Christo a cruel sanha de hum povo escravo, e sedicioso^a; Jesu Christo da sua parte em socegada, e amigavel conferencia com seus Discipulos todo se occupa em excogitar

G

^a Luc. XXII. 2. - 6.

os meios de conciliar o amor dos homens; daquelles mesmos, que o aborrecem, e que lhe estão maquinando a morte ^a.

Entrai, Senhores, por hum instante no interior do Cenaculo, se quereis ver de perto, a que excessos de ternura, de clemencia, e de grandeza chega o Coração de Deos empenhado em unir a si o coração do Homem... He hum Pai extremofo, que não se atreve a retirar-se da companhia de seus caros filhos ^b; que á medida que se avizinha o triste momento da sua ausencia, sente apertar-se-lhe cada vez mais o Coração com a força da saudade; que sem cuidar em si, ao que parece, põe todo o cuidado em segurar a fortuna da sua consternada familia; que, para desvanecer toda a idéa de orfandade, lhe promette não a perder de vista hum só instante ^c, enviar-

^a Joan. XIII. XIV. XV. XVI. *. *vado, vos non potestis venire.* Joan. XIII. 33.

^b *Filioli adhuc modicum vobiscum sum. Queretis me, &... quo ego* ^c *Non relinquam vos orphanos; veniam ad vos.* Joan. XIV. 18. *Modicum,*

Ihe logo quem a console , instrúa , anime , e ampare ^a , voltar elle mesmo repetidas vezes a abraçalla ^b ; e que até chega ao ponto de desculpar-se diante della deste seu apartamento com a indispensavel obrigação de obedecer a quem o chama ^c , e com a urgente necessidade de a privar por algum tempo da doce consolação da sua vista , em quanto vai estabelecer-lhe para sempre huma completa felicidade ^d . . He hum Mestre desvelado pelos seus discipulos ^e , que no derra-

G ii

*Et jam non videbitis me ;
Et iterum modicum , Et videbitis me. Id. XVI. 16.*

a Et ego rogabo Patrem , Et alium Paraclitum dabit vobis , ut maneat vobiscum in eternum . . . ille vos docebit omnia , Et suggeret vobis omnia , quaecumque dixerò vobis . . . Non turbetur cor vestrum , neque formidet. Joan. XIV. 16. 26. 27.

b Vado , Et venio ad vos. Joan. XIV. 28.

c Et nunc vado ad eum , qui misit me . . . Exivi a Patre , Et veni in

mundum ; iterum relinquo mundum , Et vado ad Patrem. Joan. XVI. 5. 28.

d Et vos igitur nunc . . . tristitiam habetis ; iterum autem videbo vos , Et gaudebit cor vestrum ; Et gaudium vestrum nemo tollet a vobis. Joan. XVI. 22. Expedit vobis , ut ego vadam . . . vos autem contristabimini ; sed tristitia vestra convertetur in gaudium . . . Petite Et accipietis , ut gaudium vestrum sit plenum. Id. ib. 7. 20. 24.

e Vos vocatis me , Magister , Et Domine ; Et

deiro prazo da sua vida se esméra mais que nunca em amallos , e instruillos ^a; que para os confirmar melhor na prática da sua doutrina, elle mesmo lhes renova em huma só acção os admiraveis exemplos , que sempre lhes déra de todas as virtudes ^b , e que não cessa de recomendar-lhes com preferencia a todas ellas , a virtude, a sublime, e amavel virtude da Caridade , como o resumo das suas lições , a divisa da sua escola , o fruto principal do seu ensino ^c He hum Amigo sincero , constante , e generoso , que ao despedir-se de seus amigos lhes abre francamente o peito , descobre-lhes os seus mais impenetraveis segredos ^d, repete-lhes com novo, e duplicado ardor

benedicitis ; sum etenim.
Joan. XIII. 13.

^a *Venit hora , cum jam non in proverbiiis loquar vobis ; sed palam de Patre annuntiabo vobis.*
Joan. XVI. 25.

^b *Exemplum . . . dedi vobis , ut quemadmodum ego feci , ita & vos faciatis.* Joan. XIII. 15.

^c *In hoc cognoscent*

omnes , quia discipuli mei estis , si dilectionem habueritis ad invicem. Joan. XIII. 35.

^d *Jam non dicam vos servos ; quia servus nescit , quid faciat Dominus ejus. Vos autem dixi amicos , quia omnia , quaecumque audivi a Patre meo , nota feci vobis.* Joan. XV.

15.

as mais puras protestações de amizade ^a,
segura-lhes o cumprimento de suas pro-
messas ^b, a continuação de seus favores ^c,
a firmeza da sua fidelidade ^d, a conserva-
ção da sua lembrança ^e: e (como se tu-
do isto não bastasse para demonstração do
seu terno affecto, e não fosse já hum so-
bejo motivo para dever ser correspondi-
do, para attrahir a si todos os corações
humanos) elle faz ainda, o que nunca fi-
zera outro algum amigo pelo seu amigo;
o que só podia fazer por nós hum Deos,
que nos ama; e que nos ama até o ex-
cesso de querer, e mandar expressamente
não só que o amemos, mas tambem que
nunca cessemos de o amar: *Manete in di-
lectione mea f.*

Bem sabeis, que eu fallo do mais ad-
miravel invento da sua Sabedoria, do
maior de todos os prodigios da sua Omni-

^a *Qui habet mandata
mea, & servat ea, ille est,
qui diligit me. Qui autem
diligit me, diliget me a Pa-
tre meo: & ego diligam
eum, & manifestabo ei
meipsam.* Joan. XIV. 21.

^b Joan. XIV. 1. 2. 3.
12. 13. 14. 16. &c.
^c Joan. XV. 16. &c.
^d Joan. XVI. 33.
^e Joan. XVI. 4. &c.
^f Joan. XV. 9.

potencia , da obra a mais espantosa da sua Misericordia ; em huma palavra do Sacramento inefavel , no qual deixou este bom Pai , este Divino Mestre , este Deos amante , como em herança , a seus filhos , discipulos , e amigos tudo o que possuia , tudo o que era ; quero dizer , os seus bens , as suas graças , os seus serviços , os seus merecimentos , a sua Divindade , a sua Alma , o seu Corpo , o seu Sangue , o seu Coração. Elle mesmo assim o certifica diante das doze testemunhas , que assistirão á feitura do seu Testamento , á declaração da sua ultima vontade.

Eu sahi (dizia nesta occasião Jesu Christo aos seus Apostolos) eu sahi do seio de meu Pai ^a, onde fôra gerado desde a eternidade : tendo o meu throno em o Ceo , desci á terra ; sendo Deos , me fiz Homem ; sendo Senhor , me reduzi á condição de escravo ; sendo a mesma Santidade por essencia , tomei a semilhança de peccador ^b : tudo isto fiz ^c para refor-

^a Joan. XVI. 28.

Hebr. II. 9.

^b Philip. II. 6. 7. 8.

^c Joan. III. 16. 17.

mar o mundo com a minha doutrina , encaminhar os homens com os meus exemplos , libertar os escravos com a minha obediencia , e salvar os peccadores com a minha morte . . . fim com a minha morte ; a mais affrontosa de todas as mortes Ella não tarda ^a Eu ouço já a amavel voz do Eterno Pai , que me chama : elle me mandou que viesse ao mundo , e eu vim obediente : agora me ordena que volte outra vez a sentar-me á sua mão direita , e eu devo obedecer-lhe ^b . He forçoso , que a minha Humanidade desappareça aos olhos mortaes até hum certo tempo. Como porém o meu Coração não póde sem violencia apartar-se de todo da companhia dos homens , a quem estremecidamente ama , elle mesmo achou o meio de ficar entre vós outros , ao menos de hum modo invisivel. Aqui tendes pois o meu Corpo , e com elle o meu Coração convertido em vianda celestial : *Accipite , & comedite* ^c :

^a Joan. XIII. 1.

12. XVI. 3. 28.

^b Joan. XIII. 1. XIV.^c Math. XXVI. 26.

não he hum mero symbolo , huma representação , huma figura ; he o proprio Corpo , que uni a mim no seio de huma Virgem , e que daqui a pouco vereis pendente dos braços de huma cruz , entregue a mortaes convulsões por vosso amor : *Hoc est Corpus meum , quod pro vobis datur* ^a. Aqui tendes tambem o meu Sangue transformado em saudavel bebida : *Bibite ex hoc omnes* ^b : não he huma simples significação da minha morte , he o mesmo Sangue , que actualmente me circula pelas veias , e que em breve brotará deste meu Coração rôto com o golpe de huma lança , para fer o resgate dos peccados do mundo : *Hic est Sanguis meus qui pro multis effundetur in remissionem peccatorum* ^c. Esta obra he inteiramente minha ; porque nella só trabalha o meu Amor , e nenhuma parte tem a obediencia. Para a continuardes em meu nome eu vos deixo , e aos vossos successores todo o poder , que o Eterno

^a Luc. XXII. 19.

^b Math. XXVI. 27.

^c Math. XXVI. 28.

Pai depositou em minhas mãos ^a. Fazei pois o mesmo, que eu acabo de fazer; e vereis renovada em hum instante esta prova, a maior de todas as provas, que o meu coração vos podia dar do seu Amor: *Hoc facite in meam commemorationem* ^b. As minhas palavras pronunciadas por vós serão omnipotentes, forçarão a natureza, alterarão as suas Leis, voarão ao Ceo, subirão ao meu Throno, tocarão o meu Coração, e elle fará todos os dias convosco até o fim das idades: *Ecce ego vobiscum sum omnibus diebus usque ad consummationem seculi* ^c.

Eu não me admiro, meus Ouvintes, de que Jesu Christo amontõe, por affim dizer, milagres sobre milagres para obrar pelo Homem hum tal extremo, que em si mesmo he o maior de todos os milagres; porque em fim nas suas amorosas empresas não póde encontrar difficuldade, que não vença, nem embaraço, de que não triunfe o Coração de Deos,

H

^a Math. XXVIII. 18. Corinth. XI. 24. 25.

Joan. XIII. 3.

^c Math. XXVIII. 20.

^b Luc. XXII. 19. I.

cujo Amor he immenso , e cujo poder he infinito. Mas quem he (seja-me permitido desafogar a minha admiração) quem he que obriga este Coração Divino a ostentar toda a immensidade do seu Amor , a pôr em acção toda a magnificencia do seu poder , para baixar cada dia , cada hora , cada instante desde a elevação do seu throno celestial aos altares dos nossos templos ? para esconder com estranhas apparencias de grosseiras substancias os resplendores da Divindade , que nelle habita ? para estreitar dentro de hum curto circulo visível a sua illimitada grandeza ? para sujeitar á voz de milhares de Sacerdotes (indignos muitas vezes do caracter sublime que os ennobrece) a sua independente soberania ? para transformar na substancia do Homem , como verdadeiro alimento , a sua propria substancia ? ... ainda não disse tudo ... Quem he que obriga este Coração divino a expôr a sua santidade a ser escarnecida pelo incrédulo , ultrajada pelo ímpio , profanada pelo sacrilego ? a consentir que

mãos impuras o toquem , bocas empestadas o devorem , corações corruptos o recebão ? a soffrer mil irreverencias , mil desacatos , mil aggravos dentro dos mesmos palacios da sua residencia , diante da sua corte , junto ao seu throno , á sua vista , e (o que he mais ainda) em si mesmo ? para dizer tudo de huma vez ... Quem he que obriga este Coração divino a padecer de novo no augusto Sacramento do seu Amor as mesmas ingratidões , os mesmos insultos , os mesmos opprobrios , os mesmos tormentos , que padecêra , em quanto vivo , na Judéa , e ao tempo da sua morte no Calvario ?

Que , meus Ouvintes ? Existe por ventura algum preceito do Eterno Pai , que obrigue ainda este amado Filho a entrar segunda vez na dolorosa carreira da sua Paixão ? Mas a justiça divina affrontada pelo homem peccador já se havia dado por satisfeita com o primeiro sacrificio desta innocente victima ^a. Ficaria acaço

H ii

^a Joan. XVII. 4. II. 21. Coloss. I. 20. Hebr. Corinth. V. 18. 19. 20. X. *.

por cumprir alguma parte da grande obra da nossa Redempção, da qual o havia incumbido a sua infinita misericórdia? Mas com o preço, com o inestimavel preço do seu sangue derramado desde os braços da Cruz já o seu Coração tinha pago sobejamente ^a as nossas dividas ^b. Não acabaria talvez de merecer este divino Salvador o novo galardão devido á sua Humanidade pelas completas victorias, que havia alcançado á custa da sua vida para salvar o mundo? Mas fazendo-se obediente até a morte, elle mesmo havia merecido, que toda a Creação dobrasse os joelhos ao ouvir pronunciar o seu Nome augusto; e que todas as linguas celebrassem a gloria incomparavel, que com elle o Deos Pai igualmente reparte, e repartirá por toda a eternidade em o Ceo ^c.

Qual vos parece pois, Illustres Virgens ^d, que seja a causa, que move o

^a Rom. V. 17. - 20.

^b Rom. III. 24. 25.
V. 8. - 11. Tit. II. 14.
I. Petr. I. 18. 19. Apo-
cal. V. 9.

^c Philip. II. 8 - 11.

^d As Religiosas Carmelitas da Reforma de Santa Thereza de Jesus, que habitão o Real Con-

constante Coração do vosso Divino Esposo a fazer excessos tão extraordinarios, e na apparencia tão improprios (deixai-me explicar assim) da Magestade de hum Deos? A que fim julgais vós, que procura elle á força de tantos, e tão multiplicados prodigios, a despeito de tantos, e tão profundos abatimentos, introduzir-se em nossos corações; senão he para os unir a si com a união a mais estreita, a mais forte, a mais íntima, a mais indissolúvel; quero dizer, com a união a mais perfeita, que a bondade e a sabedoria de hum Deos infinitamente bom, e infinitamente sabio podia excogitar a favor do Homem?

O' quanto sobrepuja ás expressões da lingua humana, quanto excede ás idéas do entendimento creado huma união, que confunde, incorpora, e transforma o coração do Homem no Coração de Deos! Huma união, que faz communs de alguma forte a hum, e outro os mesmos pen-

vento do Santissimo Co- Igreja foi recitado este
ração de Jesus, em cuja Sermão.

famentos , os mesmos desejos , os mesmos affectos , o mesmo espirito , a mesma vida , a mesma gloria , e a mesma felicidade !

Bem fei , Illustres Virgens , que o mundo profano dirá talvez , que eu excedo o modo , exprimindo-me assim. Mas que importa que o mundo estranhe *a* expressões , que não percebe *b* , se dellas mesmas se servirão os mais doutos , e attendados Padres da Igreja *c* , para nos darem

a Litigabant ergo Judæi ad invicem dicentes : quomodo potest hic nobis carnem suam dare ad manducandum ! Joan. VI. 53.

b Animalis . . . homo non percipit ea , quæ sunt spiritus Dei : stultitia enim est illi , & non potest intelligere. I. Corint. II. 14.

c Ut non solum per dilectionem , sed etiam reipsa in illam carnem convertamur per cibum , id efficitur , quem nobis largitus est ; cum enim suum in nos amorem indicare vellet , per corpus suum se nobis commiscuit , & in unum nobiscum redegit.

Chris. Hom. XLV. in Joan.

Idem Dominus noster Jesus Christus consors est divinitatis , & corporis ; & tu , qui accipis ejus carnem , divinitæ ejus substantiæ in illo participaris alimento. Ambros. L. VI. de Sacr. Cap. I.

Propterea nobis se ipsum comedendum proponit is , qui semper est , ut cum ipsum in nobis acceperimus , illud fiamus , quod ipse est. Greg. Niss. Homil. VIII. in Eccles.

Sicuti , si quis liquæfactæ ceræ aliam ceram infudit , alteram cum altera per totum commisceat necesse est ; si quis

alguma idéa da inexplicavel união do Santissimo Coração de Jesus com o devoto coração de huma Esposa fiel , que o communga dignamente na Sagrada Eucharistia ? Que importa , que o mundo murmure ^a , se S. Paulo , tendo por ventura em vista esta misteriosa união dos dous Corações , o Divino e o humano , exclama affombrado com tão rara maravilha : Não he o meu coração dentro de mim mesmo ; he sim o Coração de Jesu Christo dentro do meu proprio coração , quem sente , quem respira , quem pensa , quem deseja , quem ama , e quem vive ^b ! Que

Carnem , & Sanguinem Domini recipit , cum ipso ita conjungatur ut Christus in ipso , & ipse in Christo inveniatur. Ciri-
rill. Alex. in Joan. Lib. IV. Cap. 17. Edit. Hervet Paris. 1573.

Quomodo voluntatis unitas asseritur cum naturalis per Sacramentum proprietatis perfectæ Sacramentum fit unitatis ? Hilar. Lib. VIII. de Trinit.

O Sacramentum pietatis ! O Signum unita-

tis ! O vinculum caritatis ! Qui vult vivere , habet , ubi vivat ; habet , unde vivat. Accedat , credat , incorporetur , ut vivificetur. August. Tract. XXVI.

^a *Multi . . . autem audientes ex discipulis ejus dixerunt : Durus est hic sermo , & quis potest eum audire ?* Joan. VI. 61.

^b *Vivo autem , jam non ego ; vivit vero in me Christus.* Gal. II. 20.
Cor itaque Christi erat cor

importa finalmente , que o mundo se escandalize ^a , se o mesmo Salvador pouco depois de ter dado a comer na ultima Cêa o seu Corpo Sacramentado aos seus Discipulos , não duvida comparar a união , aliás incomparavel , entre o seu Coração , e o de cada hum delles com a perfeita unidade , que o faz igual na essencia ao Eterno Pai ^b .

Se vos fosse permittido , ou ainda mesmo possivel , Sagradas Virgens , expressar com palavras intelligiveis ao mundo tudo o que sentem os vossos Corações nos

Pauli , & Spiritus Sancti tabula , & gratiæ liber. Chryf. Homil. XXXII. in Epist. ad Rom.

^a *Sciens . . . Jesus apud semetipsum , quia murmurarent de hoc discipulis ejus , dixit eis : Hoc vos scandalizat? . . . Sunt quidam ex vobis , qui non credunt. Joan. VI. 62. 65.*

^b *Ut omnes unum sint , sicut tu , Pater , in me , & ego in te ; ut & ipsi in nobis unum sint . . . ut sint unum , sicut & nos unum sumus. Joan. XVII.*

21. 22. *Nos vere sub mysterio Carnem Corporis sui sumimus , & per hoc unum erimus ; quia Pater in eo est , & ille in nobis. Hilar. Lib. de Trinit.*

Si nos vere verbum carnem cibo Dominico sumimus , quomodo non naturaliter manere in nobis existimandus est , qui . . . naturam Carnis suæ . . . sub sacramento nobis admiscuit ? Ita enim omnes unum sumus , quia , & in Christo Pater , & Christus in nobis est. Idem ibi.

ditos instantes , em que Jesu Christo se digna dar-lhes audiencia , ninguém melhor que vós poderia decifrar estes reconditos arcanos do Coração Divino ; os quaes , como S. Paulo diz ^a , ficão muito além do curto alcance do discurso humano. Instruidas como sois na soblime escola de Thereza , herdeiras do seu espirito , imitadoras de suas virtudes , vós podeis em hum breve intervallo de oração (o que não podem os falsos sabios á força de longos e cansados estudos) descobrir com as luzes da graça os segredos deste Misterio de Amor ; segredos celestiaes , que o indevoto ignora , o Filosofo desdenha , o incrédulo despreza , o libertino ridiculiza ; mas que ao mesmo tempo os Anjos admirão , os Santos adorão , os Fiéis respeitão , e a Igreja celebra neste dia.

Sendo pois tudo isto assim ; porque assim mesmo , por estranho que pareça ás idéas ordinarias do mundo ^b , o ensi-

I

^a I. Corint. II. * II. Corint. XII. 4.

^b Joan. VI. 59. 61. = 67.

na a Fé que professamos; eu não sei, Ilustres Virgens, que mais podesse fazer o vosso Divino Esposo, para nos dar a conhecer quanto o seu Coração se empenha, a pezar da nossa baixeza, e da sua independencia, por segurar o nosso amor, e com elle a nossa felicidade. Não contente de nos ter feito na criação semelhante a si ^a, e de fazer-se elle mesmo na Incarnação semelhante a nós ^b; não contente de viver em sociedade connosco pelo espaço de alguns annos ^c para nos manifestar a sua gloria ^d, para nos instruir na sua Doutrina ^e, para nos animar com os seus exemplos ^f; não contente ainda de soffrer, e morrer, para nos remir do captiveiro da culpa ^g, para nos restaurar os direitos perdidos ^h, pa-

^a Genes. I. 26. 27. V. 1. IX. 6. Sap. II. 23. Ecclesiastici XVII. 1. Coloss. III. 10.
^b Rom. VIII. 3. Philip. II. 7. Hebr. IV. 15.
^c Joan. I. 14. 26. I. Joan. I. *
^d Joan. I. 14. I. Tim. III. 16.
^e Matth. IV. 17. V. VI. VII. * Marc. I. 14. Luc. VI. 10.
^f Joan. XIII. 15.
^g Matth. XX. 28. Luc. I. 68. Rom. III. 24. Ephes. I. 7.
^h Coloss. I. 21. 22. 23.

ra nos franquear as portas do Ceo ^a; não contente em fim de continuar a fazer-nos companhia em o mundo ainda depois da sua morte, para nos honrar, illustrar, e alentar, com a sua presença, com a sua luz, com a sua graça ^b: como se tudo isto ainda fosse pouco, elle acha o meio, o portentoso meio, de permanecer dentro de cada hum de nós para nunca nos separarmos d'elle ^c; de viver em nós mesmos para só vivermos por elle ^d; em huma palavra de unir o seu Coração ao nosso coração, para que, possuindo-se mutuamente hum ao outro, o seu receba de nós o apoucado tributo do nosso amor, e o nosso receba d'elle o magnifico dom da sua felicidade. Tal he, como elle mesmo diz, toda a causa do seu empenho, todo o segredo do segundo Misterio de Amor, que a Religião nos descobre hoje

I ii

^a Joan. III. 16. VI. *sanguinem, in me manet,*
 § 1. I. Theff. V. 9. 10. I. *& ego in illo.* Joan. VI.
 Joan. V. 11. 12. 57.

^b Matth. XXVIII. 20. ^d *Qui manducat me,*

^c *Qui manducat meam & ipse vivet propter me.*
carneam, & bibit meum Joan. VI. § 8.

no seu Coração Divino. *Manete in dilectione mea ut gaudium meum in vobis sit , & gaudium vestrum impleatur* ^a.

Qual será , meus Ouvintes , o coração humano tão duro , e insensível , que possa resistir a este amoroso empenho do Coração Divino ? Toda a Natureza obedece prompta ao primeiro som da imperiosa voz do Creador , que lhe deo o ser , e lho conserva : só o coração do homem , este coração creado unicamente para amar , se obstinará contumáz contra o seu proprio Creador , que lhe pede , e manda , que o ame ? Este mesmo coração , que em materia de amor tanto presume de agradecido , e tanto se offende da mais leve ingratição ; duvidará acaso amar hum Deos , que nos ama desde a eternidade , quanto he possível a Deos amar o Homem ? Este coração em fim , que se agita , desasocéga , impaciente , e perturba , em quanto não possúe hum ou outro bem apparente , o qual , apenas possuido , se evapóra , e desvanece , amará tu-

^a Joan. XV. 9. 11.

do , á exceição do summo Bem , o unico , que he verdadeiro , perfeito , illimitado , e permanente ; e por isso mesmo tambem o unico , em cuja posse consiste a solida felicidade , a que aspiramos ?

Corações humanos ! O mesmo Deos , que vos pede , e manda , que o ameis , vos dá licença , para faltardes a este preceito capital da sua Lei , se por ventura conheceis outro algum Soberano igual a elle , que vos peça ou mande o contrario. O mesmo Deos , que tão extremadamente vos ama só com o fim de grangear o vosso amor , permite-vos , que lho negueis , se acaso encontrais outro algum amigo , que vos ame ao menos tanto como elle. O mesmo Deos em fim , que empenha todo o seu poder para vos unir ao seu Coração , e fazer-vos por este portentoso meio verdadeiramente felices , consente que desdenheis embora este seu generoso empenho , se he talvez possivel outra alguma união , que vos seja igualmente proveitosa.

Sendo porém Jesu Christo , como he ,

de todos os Soberanos o mais absoluto,
 de todos os amigos o mais extremo,
 de todos os bens o mais perfeito ; ou
 (para fallarmos a linguagem da Fé) fen-
 do este Homem-Deos o unico Soberano ^a,
 o unico Amigo ^b, o unico Bem ^c ; como
 podereis resistir ao seu mando , ao seu
 Amor , á sua bondade? Sendo além disso ,
 como a mesma Fé ensina , a ditosa obri-
 gação de amar este Bom Deos , o resu-
 mo de todos os preceitos da Lei , o al-
 vo das Profecias , a substancia das Escri-
 turas , o espirito da Moral Christã ^d ; co-
 mo , sem o amar , podereis conseguir a
 felicidade , que elle só promette aos ver-
 dadeiros Discipulos , que observão á ris-
 ca a sua Lei , que abração inteiramente
 a sua doutrina , e que imitação , quanto he
 possível , o seu exemplo ^e ?

Amemos pois , meus Ouvintes , ame-

^a Col. II. 10. Apoc. 22. 24. XVII. 13. *.
^b I. 5. XVII. 14. XIX. 16. ^d Matth. XXII. 40.
^c Joan. XIII. 1. 34. Rom. XIII. 10.
^e XIV. 21. XV. 9. 12. Eph. 24. XV. 10. 11. 15. 16.
 V. 2.
^c Joan. XV. 11. XVI.

mos a Jesu Christo, que he o nosso Deos, o nosso Rei, o nosso Redemptor, o nosso Mestre, o nosso Pai, o nosso Amigo, o nosso Bem: e para o amarmos, como elle manda, merece, e deseja; isto he, como nós somos obrigados por obediencia, por gratidão, e ainda mesmo por interesse; ou nada mais amemos senão a elle, ou amemos tudo só por elle. Esta he a ultima conclusão, que desde o principio do meu Discurso eu procurei deduzir dos dous Misterios de Amor, que a Religião nos descobre hoje no Santissimo Coração de Jesu Christo. Oxalá que ella fique eternamente impressa nos dóceis corações de todos os que acabão de ouvir-me! só, sendo assim, poderei consolar-me de haver fatisfeito aos deveres do meu Ministerio, e ás intenções da Igreja na presente Festividade.

A Vós, meu Deos, e só a Vós he que pertence levar ao fim esta empreza, que eu apenas pude tentar em vosso nome. Aqui tendes pois aos pés dos Altares o coração de huma Rainha, que faz con-

sistir toda a sua grandeza em amar-vos, e toda a sua soberania em procurar os meios de vos fazer amar ^a; os corações de hum Principe, e de huma Princeza, que Vós mesmo enlaçastes com sagrados vinculos para serem os seguros penhores de vossas promessas, e de nossas esperanças ^b; os corações de duas Princezas, que a vossa graça enriqueceo de amaveis virtudes para serem as delicias da Monarquia. Unidos a estes Régios Corações com os indissoluveis liames da obediencia, e do respeito, aqui tendes tambem os corações dos Illustres Chefes da vossa Mili- cia, que se glorião de receber por timbre da sua Nobreza o Symbolo do vosso Amor ^c; os corações destas Virgens prudentes, que semelhantes ás do Evangelho ^d,

^a V. a Lei de 19. de Junho de 1789.

^b O Real Convento do Coração de Jesus foi mandado edificar em cumprimento do voto, que S. Magestade havia feito a Deos para dar successor á Coroa; o que actualmente vemos virificado no Serenissimo Principe

do Brasil, que Deos guarde.

^c Na Lei de 19. de Junho de 1789 se manda, que os Grão-Cruzes, e Commendadores ajuntem á insignia da sua Ordem a Imagem do Coração de Jesus.

^d Matth. XXV. 2. 4. 10. 12.

a toda a hora do dia , e da noute vigiãõ desveladas á espera do seu Esposo , e continuamente se occupão ou a contemplar as suas bellezas , ou a entoar os seus louvores *; os corações em fim de todos os Portuguezes , que herdeiros do zelo de seus maiores , ainda hoje se prezão de sustentar , e promover por toda a extensão do mundo habitado a vossa gloria.

Taes são , meu Deos as Victimas pacificas , e voluntarias , que a mais humilde , e sincera gratidão vem sacrificar-vos no meio deste novo Templo , o primeiro , e até agora o unico em todo o Christianismo , consagrado pela Real Magnificencia ao Amor , que anima o vosso Coração Divino. Que Victimas mais dignas de serem apresentadas á Magestade de hum Deos , que nos ama , e quer que o amemos ! Enviai pois , Senhor , enviai vós mesmo do fundo do Santuario , do feio dessa ardente fornalha da Caridade , do íntimo do vosso Coração amorosas

K

* As Religiosas do mesmo Real Convento.

chammas, que apurem, abracem, e consumão em perfeito holocausto estes corações, que nos déstes para vos amarmos, e que agora nos pedis ^a para os fazer felices. Vós, e ninguém mais, tendes todo o direito de possuillos para sempre a titulo de Soberania, e de Conquista; porque só para Vós os creastes, e remistes. Recebei-os pois, guardai-os, senhoriai-os como pertença inteiramente vossa. Sêde em fim o seu unico Deos, o seu unico Bem, o seu unico premio, a sua unica bemaventurança nesta vida, e na outra por toda a eternidade. *Deus Cordis mei, & pars mea Deus in aeternum* ^b.

^a Prov. XXIII. 26.

^b Pf. LXXII. 26.



Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central